

PENSAR COM EMMANUEL LEVINAS

Coleção **FILOSOFIA EM QUESTÃO**

- *Pensamento ético contemporâneo*, Jacqueline Russ
- *Pitágoras e os pitagóricos*, Jean-François Mattéi
- *Pensar com Emmanuel Levinas*, Benedito E. Leite Cintra

BENEDITO E. LEITE CINTRA

PENSAR COM
EMMANUEL LEVINAS

Direção editorial: *Zolferino Tonon*

Coordenação editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Revisão: *Thiago Augusto Almeida Passos*
Iranildo Bezerra Lopes

Capa: *Marcelo Campanhã*

Editoração: PAULUS

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cintra, Benedito E. Leite
Pensar com Emmanuel Levinas / Benedito E. Leite Cintra. — São
Paulo: Paulus, 2009. — (Coleção Filosofia em questão)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-3117-5

1. Filósofos judeus – França
2. Levinas, Emmanuel, 1906-1995
3. Levinas, Emmanuel, 1906-1995 – Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

09-09377

CDD-194

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia francesa 194
2. Levinas, Emmanuel: Obras filosóficas 194

© PAULUS – 2009
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627
Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br
dir.editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3117-5

APRESENTAÇÃO

Emmanuel Levinas (1906-1995) foi um judeu-lituano-francês. De ascendência judaica como Marx e Freud. Nasceu em Kaunas, na Lituânia, um dos países do Mar Báltico, assim como a Estônia e a Letônia. Viveu a maior parte de sua vida na França, tendo se tornado cidadão francês.

Dizia que pensava em três línguas. Pensava em hebraico porque era judeu. Pensava em russo porque era a língua oficial da Lituânia. Pensava em francês porque foi a língua que adotou desde seus 17 anos. Passou a falar e a escrever tão bem em francês que, tendo emigrado da Ucrânia para onde seus pais se mudaram, refugiou-se na casa de Edmund Husserl, também de ascendência judaica, e, para compensar a hospitalidade, ensinava francês para a mulher de Husserl.

Para ensinar nas Universidades, Levinas teria de receber o título de Doutor. Isso aconteceu em Estrasburgo, na França. O tema de sua tese foi: *A teoria da intuição na Fenomenologia de Husserl*. Por este livro escrito em francês, *La théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*, recebeu um prêmio da Academia Francesa.

Levinas foi prisioneiro dos nazistas. No campo de concentração, ficou sabendo que toda a sua família tinha sido morta. Durante o cativeiro, escreveu um livro muito importante: *Da existência ao existente*. Em palavras simples, isso significa: uma coisa é simplesmente *viver no mundo*, outra coisa é *tomar a vida em suas próprias mãos*.

Isso pode parecer banal: todos queremos dar um rumo próprio às nossas vidas. Mas, como isso realmente acontece? Será que acontece simplesmente quando tomamos parte de uma sociedade?

INTRODUÇÃO

Totalidade e Infinito é a obra-mestra de Levinas. Publicada em 1961, valeu-lhe a livre-docência na Universidade. Nela se expressa o núcleo de sua reflexão filosófica. A data marca o centro entre preparação e desdobramento de sua atividade intelectual.

Susin escreve que “Levinas se distingue dos outros pensadores da intersubjetividade pelo vigoroso confronto entre o horizonte grego e o firmamento bíblico” (*O Homem messiânico*). Anote-se o emprego de *horizonte* para o grego e de *firmamento* para o bíblico: o horizonte é *alcançado* pelo olhar, mas o firmamento é *inalcançável*. Estão postos os dois termos: *totalidade* como horizonte e *infinito* como firmamento. Contudo – e este é o grande desafio para compreender Levinas –, se horizonte *quer* dizer propriamente mundo, infinito *não quer* dizer propriamente Deus!

Levinas cultivou uma grande amizade com o padre Van Breda: “meu saudoso e eminente amigo” (*Ética e Infinito*). Deve-se a este padre a fundação dos *Archives-Husserl*, para onde recolheu

os manuscritos de Edmund Husserl. Foi também quem iniciou a coleção *Phaenomenologica*. Faz-se oportuno trazer um relato de Jacques Taminiaux a respeito de *Totalité et Infini*:

A coleção *Phaenomenologica* tinha nascido: o primeiro volume fora um escrito de Eugen Fink. Entre os que o seguiram de perto, me lembro de um espesso calhamaço mal datilografado, coberto de rasuras e correções manuscritas, que Van Breda me entregou imperiosamente: “Leia isso. Preciso de um parecer detalhado dentro de quinze dias. Deus sabe que amo o autor, mas vejo que está cheio de críticas a Husserl. Compreenda que hesito, mas confio em você”. Era *Totalité et Infini*. Depois de quinze dias, assegurei ao Padre Van Breda de que o texto era de extrema importância e deveria ser publicado com toda prioridade. Felizmente logo se pôs do meu lado, e, como eu sabia do que se tratava, fez-me seu representante na Sorbonne na defesa de Levinas. Merleau-Ponty, acometido de crise cardíaca poucos dias antes, fora substituído na banca por Jankélévitch, que saudou o laureando – cito de memória – desta forma: “Caro Senhor, felicito-o por nos ter enfim desembaraçado desse pensamento alemão que nos fez tanto mal!”. Levinas, com espanto, retorquiu sem demora: “Senhor, mas eu sou fenomenólogo!” (“Centenaire de la fondation de L’Institut Supérieur de Philosophie”).

O “pensamento alemão” apontado por Jankélévitch dizia respeito a Husserl e Heidegger.

TOTALIDADE E INFINITO

Este título deve ser lido com cuidado quanto à conjunção “e”. Quando dizemos “dia e noite”, às vezes esta expressão é de momentos inclusivos: “dia e noite penso em você!” Contudo, às vezes também queremos indicar momentos demarcados pelo nascer e pelo pôr do sol: “dia e noite são para trabalho e descanso”. A conjunção “e” tem esta particularidade de valer por “e/ou”: “de dia e de noite penso em você”; “dia ou noite, tenho minha preferência”. Assim, no título há o paradoxo entre “Totalidade e Infinito” e “Totalidade ou Infinito”! A *esfinge* do humano!

Propriamente não há em Levinas duas fases ou etapas de pensamento. Ele escreve: “Filosofar é decifrar num palimpsesto uma escritura escondida” (*De l'évasion*). Comparativamente, toda a obra de Platão pode ser interpretada como um palimpsesto de sua “Carta VII”. De sua pesquisa, Jacques Rolland afirma que Levinas “permaneceu fiel à sua finalidade mesmo quando variou sua terminologia, suas fórmulas, seus

conceitos operatórios e algumas de suas teses” (*De l'évasion*).¹

Enrique Dussel, escrevendo sobre humanismo helênico e humanismo semita, diz do segundo: “uma tradição totalmente distinta, como o dia e a noite, da cosmovisão dos gregos” (*El humanismo semita*).

Cada vez mais se reconhece que há na filosofia ocidental esta surda diferença entre cultura helênica, ou grega, e cultura semita, ou judaico-cristã. Em recente estudo sobre Heidegger, discutindo a acusação de cumplicidade com o nazismo que se faz a este filósofo, afirma Zeljko Loparic que, por fim, a questão é outra: “Da relação de antagonismo entre as duas tradições fundamentais do Ocidente, a judaica e a grega, e da periculosidade de cada uma delas” (*Heidegger réu*). *Totalidade e/ou Infinito* enfrenta esta “periculosidade”.

De qualquer forma é preciso considerar que, por preconceito ou ignorância, alguns dizem que Levinas não é filósofo, mas teólogo. Com razão se explica:

Considerar-me como um pensador judeu é uma coisa que em si mesma não me choca; sou judeu e,

¹ *De l'Évasion* foi originariamente publicado em *Recherches Philosophiques*, 1935-1936. Em 1982, Jacques Rolland republicou a seguinte edição de *De l'Évasion*: LEVINAS, Emmanuel. *De l'évasion: Essais*. Ed. annotée par Jacques Rolland. Montpellier: Fata Morgana, 1982. Refere jutamente este editor: “Filosofar é decifrar num palimpsesto uma escritura escondida” (*Humanisme de l'autre homme*. Montpellier: Fata Morgana, 1972, p. 96). E acrescenta: “Ler no texto de juventude a inscrição, mesmo que seja em baixo-relevo, de uma escritura futura” (p. 11).

certamente, tenho as leituras, os contatos e as tradições especificamente judias que não renego. Mas protesto contra essa expressão quando ela quer significar alguém que tenha a ousadia de fazer aproximações de conceitos baseados unicamente na tradição e nos textos religiosos, sem o esforço de passá-los pela crítica filosófica (*Emmanuel Levinas*).

E de outro modo explícito: “Os versículos bíblicos não têm a função de prova, mas testemunham uma tradição e uma experiência” (*Humanismo do outro homem*).

Outro livro em português, indicativo de todo o pensamento de Levinas, é *Ética e Infinito*, que tem como subtítulo “Diálogos com Philippe Nemo”. São dez breves capítulos que percorrem toda a sua obra publicada até 1982. É excelente introdução aos muitos temas abordados por sua reflexão filosófica.

Outros dois bons livros editados em português sobre nosso pensador são os seguintes:

COSTA, Márcio Luis. *Levinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.

POIRIÉ, François. *Emmanuel Levinas: ensaios e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg, Marcio Honorato de Godoy e Thiago Blumenthal. São Paulo: Perspectiva, 2007.

A primeira obra brasileira sobre Levinas é de Luiz Carlos Susin:

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levi-*

nas. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Petrópolis: Vozes, 1984.

Também escrevi sobre Levinas:

CINTRA, Benedito Eliseu Leite. *Paulo Freire entre o grego e o semita*. Educação: Filosofia e Comunhão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

Em seguida, todo o sumário de *Totalidade e Infinito*, como retirei da edição portuguesa.

Prefácio

SECÇÃO I

O MESMO E O OUTRO

A. Metafísica e transcendência

1. Desejo do invisível
2. Ruptura da totalidade
3. A transcendência não é a negatividade
4. A metafísica precede a antologia
5. Transcendência como ideia do infinito

B. Separação e discurso

1. O ateísmo ou a vontade
2. A verdade
3. O discurso
4. Retórica e injustiça
5. Discurso e ética
6. O metafísico e o humano
7. O frente a frente, relação irreduzível

C. Verdade e justiça

1. A liberdade posta em questão
2. A investidura da liberdade ou a crítica
3. A verdade supõe a justiça

D. Separação e absoluto

SECÇÃO II INTERIORIDADE E ECONOMIA

A. A separação como vida

1. Intencionalidade e relação social
2. Viver de (fruição). A noção de realização
3. Fruição e independência
4. A necessidade e a corporeidade
5. Afectividade como ipseidade do eu
6. O eu da fruição não é nem biológico nem sociológico

B. Fruição e representação

1. Representação e constituição
2. Fruição e alimento
3. O elemento e as coisas, os utensílios
4. A sensibilidade
5. O formato mítico do elemento

C. Eu e dependência

1. A alegria e os seus amanhãs
2. O amor da vida
3. Fruição e separação

D. A morada

1. A habitação
2. A habitação e o feminino
3. A casa e a posse

4. Posse e trabalho
5. O trabalho e o corpo, a consciência
6. A liberdade da representação e a doação

E. O mundo dos fenómenos e a expressão

1. A separação é uma economia
2. Obra e expressão
3. Fenómeno e ser

SECÇÃO III O ROSTO E A EXTERIORIDADE

A. Rosto e sensibilidade

B. Rosto e ética

1. Rosto e infinito
2. Rosto e ética
3. Rosto e razão
4. O discurso instaura a significação
5. Linguagem e objectividade
6. Outrem e os outros
7. A assimetria do interpessoal
8. Vontade e razão

C. A relação ética e o tempo

1. O pluralismo e a subjectividade
2. O comércio, a relação histórica e o rosto
3. A vontade e a morte
4. A vontade e o tempo: a paciência
5. A verdade do querer

SECÇÃO IV PARA ALÉM DO ROSTO

- A. *A ambiguidade do amor*
- B. *Fenomenologia do Eros*

- C. *A fecundidade*
- D. *A subjectividade no Eros*
- E. *A transcendência e a fecundidade*
- F. *Filialidade e fraternidade*
- G. *O infinito do tempo*

CONCLUSÕES

1. Do semelhante ao Mesmo
2. O ser é exterioridade
3. O finito e o infinito
4. A criação
5. Exterioridade e linguagem
6. Expressão e imagem
7. Contra a filosofia do Neutro
8. A subjectividade
9. A manutenção da subjectividade. Realidade da vida interior e realidade do Estado – O sentido da subjectividade
10. Para além do Ser
11. A liberdade investida
12. O ser como bondade – O Eu – O Pluralismo – A Paz